

DUMAZEDIER E A POÉTICA DA COMPLEXIDADE NA CONSTRUÇÃO DE SABERES SOBRE O LAZER

DUMAZEDIER AND THE POETIC NESS OF COMPLEXITY IN BUILDING UP KNOWLEDGES ABOUT LEISURE

Katia Brandão Cavalcanti¹

RESUMO: Trata-se de uma reflexão filosófica sobre as abordagens epistemológica e metodológica adotadas pelo sociólogo Joffre Dumazedier para o fenômeno do lazer, ressaltando os elementos poéticos implicados na sua prática científica. O autor focaliza as sutilezas do lazer como o desabrochar de uma flor num jardim de ampla diversidade estética. Para tanto, é preciso complexificar a imaginação e imaginar a complexificação, tendo como guia uma nova ética da estética epistemológica.

PALAVRAS-CHAVE: Dumazedier, Lazer, Poética, Complexidade

"Tudo se passa como se o lazer fosse
uma flor que desabrochasse subitamente.
Uma flor que pode estar envenenada,
ou, ao contrário, uma flor que pode estar
plena de felicidade".
(Dumazedier, 1975. p.28)

Aprendemos com Dumazedier que os problemas e as hipóteses científicas podem ter uma roupagem poética. Um sociólogo apaixonado pela vida que nos revela, com profundo entusiasmo, que a paixão é um dos elementos constitutivos de uma problemática sociológica apaixonante para aquele que a formula. Como "sal das ciências sociais", sem paixão, a Sociologia Empírica se arriscaria a ser reduzida a uma fria e dispendiosa contabilidade de frequências e correlações correspondentes, amíde, a evidências.

Inspirando-se em Bachelard sobre as relações entre ciência e cultura, Dumazedier também se recusa excluir a ciência da cultura como se uma tratasse apenas da racionalidade e a outra da personalidade. Para BACHELARD (1996), "o cientista mais rigoroso na administração rigorosa da prova quando enfrenta

¹ Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação - BACOR-UFRN.

a ignorância ou o erro que dominam a opinião, engaja sua personalidade com paixão". Sobre a paixão e a ciência, Dumazedier é enfático ao indagar: "Quando a ciência diz respeito ao homem, como poderia ela excluir as paixões que agitam os homens?" (DUMAZEDIER, 1979. p.14). E acrescenta: "O cientificismo só pode ser ingenuidade ou engano" (DUMAZEDIER, 1979. p.14).

A formação do espírito científico e o desenvolvimento de uma cultura científica encontram em Bachelard o alimento do amor e da paixão para nutrir a consciência dos pesquisadores. Para o eminente epistemólogo francês, "no estado de pureza alcançado por uma psicanálise do conhecimento objetivo, 'a ciência é a estética da inteligência' (BACHELARD, 1996. p.13). O desenvolvimento de uma cultura científica deve começar por uma "catarse intelectual e afetiva", colocando a cultura científica em mobilização permanente, substituindo o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizando todas as variáveis experimentais, oferecendo à razão razões para evoluir (BACHELARD, 1996. p.24).

Para Dumazedier, subjetividades do pesquisador implicadas no processo de investigação científica devem ser explicitadas. Toma, então, para si o direito de expressar preferências axiológicas que estão na base de suas orientações epistemológicas e metodológicas para formulação de problemas e para todos os planos de análise que adota no seu trabalho sociológico (DUMAZEDIER, 1979. p.14). Por "razões científicas e não-científicas" (BACHELARD, 1996. p.15) assume então a responsabilidade da "transparência epistemológica", da gênese conceitual que pesquisa científica exige.

Dumazedier era implacavelmente irônico com a obviedade de problemas e resultados de pesquisas nas ciências sociais que tratam do fenômeno do lazer. Para evitar o risco da "mesmice" na sociologia do lazer, recomendava a constituição de equipes de trabalho como oficinas concretas e imaginárias, nas quais os especialistas mais qualificados do planeta deveriam participar fossem quais fossem as distâncias oceânicas que os separassem.

O desafio da "imaginação sociológica" sempre foi muito estimulado por Dumazedier em palestras, cursos e no diálogo informal. A autoformação do pesquisador, suas vivências de lazer, sua intervenção sociocultural criadora deveriam se integrar ao processo de produção de conhecimento sobre o fenômeno do lazer. Quando iniciava uma exposição com propósito mais didático, sempre nos alertava para que os apontamentos fossem tomados, reservando espaço para nossas próprias reflexões, experiências e conhecimento acumulado. A folha de papel deveria ser dividida em três partes: uma para o especialista focalizado; outra ao lado para si mesmo; e outra abaixo para as referências bibliográficas a serem colocadas no rodapé. Ensino sutil, talvez pouco valorizado por muitos, porém de alcance científico extraordinário. Formação inicial ou continuada e autoformação do pesquisador deveriam, portanto, ser articuladas num todo mais amplo.

2 A expressão é nossa.

3 Título da obra de W. Mills, publicada em 1959.

Para o pesquisador das ciências humanas, em especial, o pesquisador de lazer, deve ser exigido o seu envolvimento com a vida da cultura vivida por si mesmo e pelos outros, sujeitos integrantes de uma problemática viva, irradiante, como é o fenômeno do lazer. Chegava a ser dramático o apelo de Dumazedier para que a investigação científica no domínio do lazer não se distanciasse da ação cultural. Na apresentação de sua obra *Vers une civilisation du loisir*, no início da década de 60, na França, ele utiliza o próprio exemplo de homem de ação para ilustrar o trabalho sociológico analítico e prospectivo que defendia. Durante vinte anos, esteve envolvido com inúmeras instituições destinadas à ação cultural, à educação de adultos e à educação popular. Nessa militância, sempre se impressionou com a complexidade dos problemas relacionados ao desenvolvimento cultural das classes populares e com a temeridade das soluções adotadas. Reivindicava para a ação cultural o mesmo tratamento dado à ação econômica na época, como objeto de estudos empíricos, experimentais e de previsão. Afirmava então que a expansão de uma ação cultural no âmbito do lazer das classes populares deveria ser tratada sobre uma perspectiva evidentemente diversa, embora com o mesmo espírito que naqueles últimos anos havia contribuído para a notável expansão da ação econômica coordenada e planificada (DUMAZEDIER, 1973. p.14).

O movimento de investigação científica sobre o fenômeno do lazer iniciado nos Estados Unidos a partir de 1920 e na Europa após 1945 pouco contribuiu para o progresso do pensamento e da ação cultural no domínio e no campo do lazer. Foi um investimento dispendioso demais para se (re)apresentar evidências. A principal crítica à grande parte desses estudos foi centrada na sua fragilidade teórica. Talvez, uma etapa necessária, conforme alertava Dumazedier, para que as ciências sociais da contemporaneidade não permanecessem prisioneiras de especulações herdadas do século XIX. Já em meados do século XX, a ousadia de Dumazedier o impulsionava a afirmar convictamente a necessidade de se produzir um tipo de conhecimento sobre o lazer por uma via que ainda precisava ser construída. Declarava então o eminente sociólogo:

De qualquer modo, neste momento temos a necessidade de recorrer à pesquisa empírica para estudar os verdadeiros problemas apresentados pela aproximação de uma civilização do lazer. As ciências do Homem não devem se fechar no círculos das questiúnculas teóricas do século passado, por sermos obrigados a nos defrontar com problemas de hoje e de amanhã. Na área do lazer – fenômeno em expansão – muito mais do que em outras áreas, a pesquisa, juntando à prudência uma certa audácia, deverá orientar-se no sentido da previsão, com o intuito de estabelecer uma 'prospectiva' que não deverá ser somente crítica mas também e sobretudo construtiva. Não serão estudados somente os problemas mas também as soluções, diferentes e possíveis, em escala local, regional, nacional e internacional (DUMAZEDIER, 1973. p.15).

Dumazedier vislumbrava um diálogo permanente entre a ação cultural e a pesquisa científica. O pesquisador não deveria se ocupar apenas com o fato social ou cultural no domínio do lazer, mas sobretudo com a ação social ou cultural que envolve a transformação do tempo livre em vivências de lazer. A perspectiva do olhar de Dumazedier é lançar luz para iluminar novos caminhos interativos entre teoria e prática no domínio e no campo do lazer. Sobre o futuro da pesquisa diante da complexidade do fenômeno do lazer em expansão, apontava o sociólogo:

Será uma pesquisa sobre ação que igualmente deverá ser uma pesquisa para a ação e se possível pela ação. Trata-se de uma pesquisa ativa que, dentro de um clima de independência, levará a novas relações os que trabalham na ação e os que pesquisam (DUMAZEDIER, 1973. p.16 – O grifo é nosso).

Esse tipo de pesquisa exige uma íntima colaboração entre criadores, assessores, animadores socioculturais e cientistas sociais de diferentes domínios do conhecimento, todos preocupados com o desenvolvimento cultural. Trata-se de um empreendimento científico complexo, difícil, porém não impossível de se realizar:

...Exige que os responsáveis pela ação sejam pessoas abertas à atitude experimental e ainda que os responsáveis pela pesquisa adquiram um conhecimento vivencial da ação sem por sua vez perderem sua independência científica (DUMAZEDIER, 1973. p.16 – O grifo é nosso).

Integrar a ciência na ação e a ação na ciência, eis o desafio para os aventureiros pesquisadores e empreendedores do lazer. Tarefa complexa! Tarefa difícil! Com Dumazedier afirmamos propositivamente: “Temos que fazer essa tentativa” Ao procurar explicitar a sua concepção de pesquisa ativa para o âmbito do lazer, faz uma crítica severa à distinção formal entre pesquisa e ação, ressaltando que assim,

A pesquisa apresentaria o problema e a ação traria a solução. Essa é uma distinção enganadora, pois na realidade não existe qualquer divisão. Já no modo de apresentar o problema está implícita a ação, e, no modo de trazer uma solução, o problema está presente. Devido a essa falsa separação, frequentemente acontece de o conhecimento científico conseguir apresentar somente problemas evidentes, enquanto os problemas difíceis e ocultos são apresentados ou tratados pelos homens de ação, às escuras, que recorrem unicamente ao conhecimento intuitivo [...]

O envolvimento com a problemática da pesquisa ativa exige uma

4 A expressão de Dumazedier, mas a exclamação é nossa.

construção metodológica específica, de modo que o pesquisador possa trabalhar com “as questões mais importantes, comuns à pesquisa e à ação” (DUMAZEDIER, 1973, p.292). Tomando a “imaginação sociológica” de W. Mills como companheira de sua ousadia metodológica, Dumazedier colocava como exigência para os pesquisadores e empreendedores do lazer a tarefa do autoconhecimento para possibilitar a construção coletiva de uma pesquisa de um novo tipo. Desse modo, deve-se buscar realizar

uma pesquisa experimental baseada nas próprias normas da ação, com o objetivo de alcançar o 'optimum' sociocultural de uma organização do lazer que leve em consideração as características de uma situação, as necessidades da coletividade e do indivíduo (DUMAZEDIER, 1973, p.296).

A imaginação sociológica permite compreender as relações entre biografia, história e sociedade. Para Mills, “o primeiro fruto dessa imaginação” e “a primeira lição da ciência social que a incorpora” é reconhecer que

O indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas, nas mesmas circunstância em que ele (MILLS, 1975, p.13).

O jogo que se processa entre os homens e a sociedade, entre a biografia e a história, entre o eu e o mundo pode ser melhor compreendido quando se mergulha no desafio da imaginação sociológica.

Na defesa da imaginação sociológica, Mills apresenta sua declaração pessoal de artesão intelectual, convidando-nos a ser também um bom artesão. Inicialmente, lembra que “os pensadores mais admiráveis dentro da comunidade intelectual que escolheram não separam seu trabalho de suas vidas”, pois “encaram ambos demasiado a sério para permitir tal dissociação” (MILLS, 1975, p.212), desejando que cada um seja enriquecido pelo outro.

Aprender a usar as experiências de vida no trabalho continuamente faz parte do artesanato intelectual, tornando-se então o centro de si mesmo, no qual o pesquisador é envolvido em todo o processo da produção intelectual. Organizar um arquivo para o registro da reflexão sistemática é um caminho fecundo para ativar a imaginação sociológica: “Nesse arquivo, o estudioso como artesão intelectual, tentará juntar o que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa” (MILLS, 1975, p.212).

O diálogo entre o público e o privado deve existir. No entanto, não se deve permitir que questões públicas, tais como oficialmente formuladas, nem as preocupações, tais como vivenciadas de modo privado, determinem problemas de investigação científica. O pesquisador não deve abrir mão de sua autonomia moral e política:

O sentido humano das questões públicas pode ser revelado relacionando-se tais questões com as preocupações pessoais – e com os problemas da vida individual. Os problemas da ciência social quando formulados adequadamente, devem incluir tanto as preocupações como as questões, a biografia e a história, e o âmbito de suas relações complexas. Dentro desse âmbito, a vida do indivíduo e a evolução das sociedades ocorrem, e dentro desse âmbito a imaginação sociológica tem sua possibilidade de influir na qualidade de vida de nossa época (MILLS, 1975. p.243).

Com a imaginação sociológica tecendo os fios epistemológicos e metodológicos da Biografia, História e Sociedade para a construção de saberes sobre o lazer, criam-se também as condições objetivas e subjetivas para o pesquisador poetizar a complexidade da tarefa investigativa que valoriza a ação na pesquisa e, reciprocamente, a pesquisa na ação.

Tomando a expressão de Edgar Morin, em meados do século XX, que também já poetizava o lazer como o jardim dos novos alimentos da Terra (MORIN, 1997. p.69), encontramos lá uma nova ética em pleno desabrochar. Começava então a florescer para a humanidade uma nova ética de natureza cultural, a ética do lazer. Como uma nova ética que surgia da modernidade, criava-se também um novo estilo de vida, mais centrado no próprio indivíduo e em valores humanos fundantes de sua própria humanidade.

Tratar as sutilezas do lazer como o desabrochar de uma flor num jardim de tanta diversidade estética, exigia a construção de uma abordagem metodológica apropriada, complexa e criadora. Para tratar da ação e da pesquisa sobre a vida do lazer vivido, Dumazedier trouxe o processo de complexificação e imaginação epistemológica de Bachelard em “A Formação do Espírito Científico” e de Mills em “A Imaginação Sociológica”. Complexificar a imaginação e imaginar a complexificação constitui-se um jogo epistemológico e metodológico que implica beleza e plenitude. Jogar com a complexidade do fenômeno do lazer, jogar com a imaginação da vida do lazer, exige do pesquisador caminhar por trilhas abertas por uma nova ética metodológica nascida de uma estética epistemológica. Enfrentar desafios objetivos e subjetivos da ação e da pesquisa no domínio do lazer colocados pela complexidade da imaginação sociológica, tendo como guia uma nova ética da estética epistemológica, significa deixar-se envolver pelo fluir da poesia todo o ser do pesquisador, toda a sua “corporeidade poetante”.

Tal como o lazer que desabrocha como uma flor nos jardins da vida plena, Dumazedier floresceu nos jardins das ciências do lazer, trazendo juntamente com a força do rigor científico da Sociologia Empírica, o encantamento pela ação sociocultural que irradia luz para a pesquisa e por ela é iluminada. Poetizar

5 Expressão criada por Pierre Normando Gomes da Silva, na sua tese de doutorado intitulada O Jogo da Cultura e a Cultura do Jogo: Por Uma Semiótica da Corporeidade.

a complexidade dessa construção de saberes pelo lazer e para o lazer, foi uma lição de vida para mais vida que nos deixou Dumazedier.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

DUMAZEDIER, J. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. *Questionamento teórico do lazer*. Porto Alegre: PUC/CELAR, 1975.

_____. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectivas, 1973.

MORIN, E. *Cultura de Massas no Século XX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MILLS, W. *A imaginação sociológica*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SILVA, P. N. G. *O jogo da cultura e a cultura do jogo: por uma semiótica da corporeidade*. Tese de Doutorado em Educação. Natal: UFRN, 2003.

ABSTRACT: The work concerns a philosophical reflection about epistemological and methodological approaches adopted by the sociologist Joffre Dumazedier to the leisure phenomenon, highlighting the poetical elements involved in his scientific practice. The author focuses the subtleness of leisure such as the opening moment of a flower in a garden from a wise esthetical diversity. So that, it is needed to complex our imagination and imagine the complexion having as its guide a new ethic of the epistemological esthetic.

KEYWORDS: Dumazedier, Leisure, Poetic ness, Complexity

Endereço do Autora:

Kátia Brandão Cavalcanti

Programa de Pós-Graduação em Educação

Centro de Ciências Sociais Aplicadas

Campus Universitário, Lagoa Nova, s/n, CEP 59072-970

Natal/RN

Endereço Eletrônico: kbc@eol.com.br

Recebido em: 17/10/2003

Aceito em: 30/11/2003